

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

11 Mar 2017
18:00 Sala Suggia

-
ANO BRITÂNICO

Martyn Brabbins *direcção musical*

Peter Herresthal *violino*

1ª PARTE

Harrison Birtwistle

Concerto para violino e orquestra (2009-10; c.31min)

2ª PARTE

Ralph Vaughan Williams (1912-13, rev.1918; c.45min)

A London Symphony

1. *Lento – Allegro risoluto*
2. *Lento*
3. *Scherzo (Nocturno): Allegro vivace*
4. *Andante con moto – Maestoso alla marcia – Allegro – Lento – Epílogo*

17:15, Ciber música

Palestra pré-concerto por **Rui Pedro Alves**

GRANDES CONCERTOS PARA VIOLINO

PORTRAIT HARRISON BIRTWISTLE IV - COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA 2017



casa da música

APOIO PORTRAIT HARRISON BIRTWISTLE



APOIO GRANDES CONCERTOS PARA VIOLINO



PATROCINADORES ANO BRITÁNICO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Nos finais do século XIX e inícios do século XX – nos anos que antecederam a Primeira Grande Guerra – assistimos ao que vulgarmente caracterizamos como o renascimento da música britânica de cariz nacional, adormecida desde a morte de Henry Purcell no final do século XVII. Esta corrente está regularmente associada ao trabalho vanguardista de compositores como Edward Elgar, com as suas *Enigma Variations* (apresentadas na Casa da Música no mês passado), e posteriormente Gustav Holst, com *The Planets*, e Ralph Vaughan Williams com as suas Sinfonias, mais particularmente *A London Symphony* que ouviremos na segunda parte deste concerto. Este nacionalismo, se assim se pode denominar, é ainda de certa forma evidente nas obras de compositores da actualidade como Harrison Birtwistle, de quem escutaremos hoje o Concerto para violino e orquestra interpretado pelo violinista norueguês Peter Herresthal no seu precioso violino Guaragnini de 1753, sob a direcção do maestro britânico Martyn Brabbins. Estas duas obras parecem partilhar o tema *viagem*, sendo a primeira marcada pela jornada quase épica do Concerto para violino e orquestra de Sir Harrison, e a segunda, uma viagem à Inglaterra do passado, a Inglaterra do início do século XX.

Harrison Birtwistle

ACCRINGTON (LANCASHIRE), 15 DE JULHO DE 1934



Concerto para violino e orquestra

A fascinante história deste Concerto para violino e orquestra começa em 2009, quando Sir Harrison Birtwistle recebe uma encomenda da Orquestra Sinfónica de Boston. O convite não propunha nem estipulava a natureza da composição, mas segundo o compositor o conceito inicial terá sido uma obra para orquestra. Contudo, este acabaria por decidir compor algo que o lançaria completamente fora da sua zona de conforto: um concerto para violino. Na realidade, Sir Harrison nunca havia composto um concerto para um instrumento de cordas e uma composição para violino solo e orquestra seria, possivelmente, a opção menos provável, como expressa o próprio compositor. Porém, a ideia de compor um concerto para violino, com

todas as dificuldades técnicas a este associadas, era um desafio, quase uma espécie de neurose, que o levou a escrever o que para ele seria a mais difícil e desafiante composição até ao momento. A obra foi escrita essencialmente durante 2010 e pode ser considerada uma verdadeira maratona de virtuosismo, do início ao fim, onde o solista é indubitavelmente o incansável protagonista. A maior preocupação na sua criação foi, nas palavras de Birtwistle, o balanço entre o solista e a orquestra e a capacidade de escutar e apreender todas as notas do violino solo.

Estreado em Boston a 3 de Março de 2011, pelo violinista Christian Tetzlaff com a Orquestra Sinfónica de Boston, e posteriormente nos concertos *Promenade* de Londres com a Orquestra Sinfónica da BBC, o Concerto para violino recebeu críticas calorosas. Descrito por alguns críticos como uma obra verdadeiramente original, evoca a tradição formal ao mesmo tempo que subtilmente se afasta e se retira da mesma, “um paradigma que Sir Harrison explora de forma brilhante”, como atesta o crítico do *The Sunday Times* após a estreia nos concertos *Promenade* de Londres. Este concerto, como explica o compositor, é uma espécie de diálogo entre o solista e a orquestra que aqui assume o papel de coro. O violino solo é acompanhado em dueto com diferentes instrumentos deste *coro*, primeiramente com a flauta à qual se segue o piccolo, o violoncelo, o oboé e finalmente o fagote numa tentativa de distinguir e realçar este diálogo constante. Nesta analogia, o *coro* possui diferentes partes, com ideias e opiniões individuais próprias, mas todos se regem pelo mesmo espírito e interação, mesmo quando as vozes não cantam em unísono. Por vezes as linhas melódicas agem de forma independente e outras vezes paralelamente às do violino solo. Estas opiniões

de diferente natureza e índole, que emergem ocasionalmente no seio deste *coro*, parecem pontualmente inquisitivas e até mesmo contraditórias, mas nunca em oposição. As abruptas mudanças de tempo e dinâmica são fruto do processo criativo e do amadurecimento da ideia original. O final do concerto acentua uma vez mais esta constante batalha com a tradição formal. Uma coda mas com material novo, como que numa tentativa de conduzir o ouvinte a uma nova viagem, uma nova composição, de forma a fugir ao *cliché* da coda – como explica Sir Harrison Birtwistle.

Ralph Vaughan Williams

GLOUCESTERSHIRE, 12 DE OUTUBRO DE 1872

LONDRES, 26 DE AGOSTO DE 1958

A London Symphony

Embarquemos agora numa viagem ao passado, até Londres. Aqui, Ralph Vaughan Williams descreve de forma quase tangível algumas das mais emblemáticas paisagens e marcos históricos da capital inglesa. De uma forma quase mística, proporciona-nos uma janela para o clima cultural, social e político que se vivia no Reino Unido, e particularmente em Londres, nos anos que antecederam a Primeira Grande Guerra. A Sinfonia é escrita de forma cristalina e podemos quase sentir um pouco do Impressionismo francês nas várias alusões à capital inglesa – possivelmente uma herança das aulas de orquestração que o compositor teve com Maurice Ravel.

Uma das composições mais ambiciosas do início do século XX e indubitavelmente uma das composições favoritas de Vaughan Williams, como confessa em 1951 ao seu amigo e maestro Sir John Barbirolli, *A London Symphony* terá inicialmente sido pensada como um poema sinfónico baseado na cidade de Londres. A ideia de uma sinfonia ter-lhe-á sido apresentada pelo seu amigo e o compositor George Butterworth, estendendo-se a composição da obra entre os anos de 1911 e 1913. A estreia deu-se em 1914 no Queen's Hall de Londres e obteve críticas bastante positivas. A Sinfonia sofreu várias revisões nos anos que sucederam à Primeira Grande Guerra e será a primeira destas revisões, e não a versão original, que escutaremos aqui hoje. Esta revisão terá acontecido já em 1918 e foi publicada em 1920, sendo determinante na compreensão do processo composi-



cional de Vaughan Williams no pós-guerra, com a vontade de se afastar do estigma da composição de cariz programático. A revisão não se limitou apenas ao corte de pequenas passagens – que nos últimos três andamentos chegam a ser um terço da versão original e às quais o compositor se referiria como “*música moderna, horrível*” –, mas também à mudança dos títulos dos andamentos e mesmo até a sua sugestão para um novo título. Esta revisão inicial terá ainda sido incitada pelo exagero do nível programático apresentado numas notas de programa elaboradas pelo maestro Albert Coates, as quais Vaughan Williams considerou excessivas. Nesta altura, já o próprio compositor preferia referir-se a esta obra como *A Symphony by a Londoner*, e não *A London Symphony*.

A obra em quatro andamentos começa com uma ilustração quase mágica de Londres que desperta com o nevoeiro que se levanta com a manhã nas margens do Tamisa, trespassado pelo som ubíquo do imponente Big Ben.

A cidade desperta à medida que descobrimos o bulício das ruas e dos pregões. O segundo andamento é imerso num sentimento nostálgico, inicialmente descrito como uma referência a *Bloomsbury Square* numa noite de Novembro. No terceiro andamento, *Nocturno* como o intitulou Vaughan Williams na versão original, podemos quase sentir a natureza da noite londrina talvez um pouco embriagada e romantizada. O final da sinfonia abre com uma marcha e uma vez mais o som do Big Ben surge aqui talvez como um presságio do infortúnio que já se antevia, a inevitável chegada da Grande Guerra. O Epílogo do último andamento foi baseado na obra literária *Tono Bungay* de H. G. Wells, como admitiria, pouco tempo antes da sua morte em 1958, Vaughan Williams em conversa com Michael Kennedy (que viria a ser o autor da sua biografia). Tal como Vaughan Williams, também Wells descreve Londres numa analogia com as águas do Tamisa: *“percorrer as águas do Tamisa até a foz é como desfolhar o livro da história de Inglaterra, página a página, do princípio ao fim. O rio passa, Londres passa, a Inglaterra passa.”*

Apesar das constantes evocações a Londres, aos seus símbolos históricos, aos pregões dos vendedores ambulantes e os sons do Big Ben que aludem ao sentido programático desta sinfonia, Vaughan Williams acreditava que a música se deveria impor, por si só, ao ser escutada, e entendida como música absoluta descrita apenas com palavras e títulos.

RUI PEDRO DE OLIVEIRA ALVES, 2017

Martyn Brabbins *direcção musical*

Martyn Brabbins é Director Musical da English National Opera desde Outubro de 2016. Uma força inspiradora da música britânica, tem tido uma intensa carreira operática que iniciou no Teatro Kirov e desenvolve em teatros como La Scala e Ópera Estatal da Baviera, além de compromissos regulares em Lyon, Amesterdão, Frankfurt e Antuérpia. É um maestro muito requisitado para os *BBC Proms* e para colaborações com a maior parte das principais orquestras britânicas e com grandes orquestras internacionais. Realizou centenas de estreias mundiais de obras de grandes compositores internacionais e tem apoiado a música britânica no seu país e no estrangeiro.

Foi Maestro Associado Principal da Sinfónica Escocesa da BBC (1994-2005), Maestro Convidado Principal da Filarmónica Real da Flandres (2009-2015), Maestro Titular da Filarmónica de Nagoya (2012-2016) e Director Artístico do Festival Internacional de Cheltenham (2005-2007). Na presente temporada assumiu o cargo de Professor Visitante no Royal College of Music.

Brabbins é conhecido pela sua afinidade com a música do final do século XIX e início do século XX, para o qual traz uma sensibilidade romântica, um sentido de ritmo infalível e um extraordinário ouvido para o detalhe. Depois de estudar composição em Londres e direcção de orquestra com Ilya Musin em Leninegrado (São Petersburgo), ganhou o 1º prémio no Concurso de Maestros de Leeds em 1988. Desde então, é frequentemente convidado para dirigir orquestras importantes de todo o mundo.

Na temporada passada estreou-se com a Filarmónica de Roterdão no Concertgebouw

de Amesterdão e dirigiu o *War Requiem* de Britten com a WDR de Colónia e a Ópera Nacional Russa. Estreou-se na Ópera Estatal Russa com *The Rake's Progress*, e dirigiu ainda um programa duplo de Tchaikovski e Stravinski com encenação de Peter Sellars, *Tristão e Isolda* na Grange Park Opera e a raramente apresentada *La Commedia* de Andriessen, em versão de concerto, com a Sinfónica da BBC.

Na temporada de 2016/17, destacam-se os regressos à Orquestra do Concertgebouw, Orquestra Metropolitana de Tóquio e Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim, além de récitas de *A Dog's Heart* com a Ópera Nacional Holandesa. Regressa à Filarmónica Real da Flandres para a estreia mundial de um concerto de Kalevi Aho, e colabora com a Sinfónica Escocesa da BBC no início de um ciclo dedicado às Sinfonias de Michael Tippett e na interpretação de *A Last Supper* de Birtwistle em versão de concerto.

Martyn Brabbins gravou mais de 120 CDs, entre eles discos premiados de óperas de Korngold, Birtwistle e Harvey. A sua discografia estende-se do repertório romântico ao contemporâneo. Ganhou o Prémio Gramophone por *Mask of Orpheus* de Birtwistle, com a Sinfónica da BBC (NMC), o Prémio Cannes de Ópera para *Die Kathrin* de Korngold, com a BBC Concert Orchestra (CPO), e o Grand Prix du Disque na categoria de Ópera, em 2013, pela sua gravação de *Wagner's Dream* de Jonathan Harvey.

Martyn Brabbins é Director de Música da Huddersfield Choral Society, com a qual desenvolve há muito uma relação de proximidade – uma das muitas maneiras como apoia ao mais alto nível tanto a música profissional como a música amadora no Reino Unido. É também uma inspiração para jovens maestros, especialmente no seu curso anual no St Magnus Festival em Orkney.

Peter Herresthal *violino*

Peter Herresthal é considerado um brilhante intérprete de música contemporânea para violino. O seu nome está fortemente associado a obras concertantes de compositores como Per Nørgård, Arne Nordheim, Henri Dutilleux, Thomas Adès, Olav Anton Thommessen, Henrik Hellstenius e Jon Øivind Ness, tanto ao vivo como em gravações. Tem colaborado com agrupamentos como a Sinfónica da Rádio de Viena, Sinfónica de Melbourne, Filarmónicas de Oslo, de Estocolmo e de Bergen, Remix Ensemble, Orquestra de Câmara de Tapiola, Sinfónicas de Stavanger, de Navarra e de Helsingborg, Oslo Sinfonietta, Oulu Sinfonia, Orquestra da Rádio Norueguesa, Trondheim Sinfonia, Arctic Philharmonic Sinfonietta e BIT20, e com maestros como Andrew Manze, Thomas Adès, Anu Tali e Sakari Oramo.

Estreou o Concerto para violino *Concentric Paths* de Thomas Adès na Áustria, na Noruega, em Espanha e na Austrália, neste último caso com a direcção do próprio compositor, no Festival de Melbourne. Tem-se apresentado em festivais como o Festival de Bergen, onde é actualmente curador de uma ciclo anual, o Festival de Música de Câmara de Risør, o MAGMA em Berlim, o Schleswig-Holstein e o Mecklenburg-Vorpommern.

Peter Herresthal gravou vários CDs para as editoras BIS e Simax/Aurora, incluindo discos premiados de Nordheim e Ness. O seu CD com obras de Nørgård, editado em 2012, foi nomeado para um Prémio Gramophone e foi Escolha dos Editores no Strad e no International Record Review. A sua gravação do Concerto para violino de Thomas Adès foi lançada pela BIS em Fevereiro de 2014. Fez a estreia da nova

cadência de Adès para o Concerto de Ligeti sob a direcção de Andrew Manze.

Recentemente, estreou um novo Concerto de Ørjan Matre com o AskolSchoenberg Ensemble e o Concerto Duplo de Per Nørgård com Jakob Kullberg (violoncelo) e a Orquestra Sinfónica da Rádio Dinamarquesa. Entre os seus compromissos actuais destacam-se colaborações com a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Sinfónica de Kristiansand, o Concerto para violino de Birtwistle na Casa da Música (Porto) e *Graal Theatre* de Saariaho com a London Sinfonietta em Bergen e em Londres.

Peter Herresthal é Professor na Academia de Oslo e Professor Visitante no Royal College of Music de Londres. O seu instrumento é um GB Guadagnini construído em Milão, em 1753.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, George Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid,

Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

Astemporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
Radu Ungureanu
Vladimir Grinman
Tünde Hadadi
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
José Despujols
Roumiana Badeva
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Paul Almond
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
José Sentieiro
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*
Diogo Coelho*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Theo Ellegiers

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov*
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Raquel Andrade*

Contrabaixo

Carlos Mendez*
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Nelson Fernandes*
João Mendes*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompeta

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Carolina Coimbra*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CERELIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

